

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O POVOADO DO BRONZE FINAL DO ALTO DAS CABEÇAS (LEIÃO, OEIRAS)

João Luís Cardoso ⁽¹⁾ & Guilherme Cardoso ⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

O povoado da Idade do Bronze do Alto das Cabeças foi por nós identificado em 9 de Dezembro de 1973, tendo, desde então, e até o seu completo desaparecimento, em Dezembro de 1993, sido objecto de sucessivas prospecções, que proporcionaram a recolha de numerosos materiais líticos e cerâmicos. A sua implantação é idêntica à de outros povoados do Bronze Final da região de Lisboa: trata-se de encosta suave, voltada a nascente, nas imediações de linha de água, constituída por solos muito férteis, resultantes da alteração de tufo e rochas do Complexo Basáltico de Lisboa. As suas coordenadas eram as seguintes: Q 985 974 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, Folha 430 - Oeiras, Lisboa, 1970). Encontra-se inventariado com o número 15 na carta arqueológica do concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993); terá sido também referido por MARQUES & ANDRADE (1974, p. 133), a tratar-se do local agora em apreço (Fig. 1).

2 – DISTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS

A área de recolha de materiais arqueológicos correspondia, aproximadamente, a uma faixa com cerca de 50 m de comprimento, paralela às curvas de nível e a outra faixa, com orientação perpendicular à anterior e comprimento idêntico, situada a norte daquela, e dela separada por talude moderno, relacionado com a preparação de terrenos agrícolas (Fig. 2). Actualmente tais terrenos integram-se na área do TAGUSPARK.

A distribuição dos materiais arqueológicos (com baixa densidade) não se apresentava aleatória. Da primeira das referidas faixas, provém a quase totalidade da cerâmica recolhida, enquanto a segunda se caracterizava pela abundância do material lítico. Desta forma, parece configurar-se, no seio da área ocupada por este povoado, diferenças funcionais, talvez relacionadas com diversas actividades domésticas, apesar dos remeximentos devidos às lavouras, com a consequente dispersão dos materiais arqueológicos.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽²⁾ Associação Cultural de Cascais.

3 – ESPÓLIO

3.1 - Materiais cerâmicos

Os materiais cerâmicos são pouco abundantes e muito fragmentados, como seria de esperar, tratando-se de recolhas superficiais. Predominam restos de grandes recipientes de colo alto, cilíndrico e bojos pouco pronunciados (“vasos de provisões”), de fundos planos, providos de pegos horizontais (Fig. 3, n.ºs 1 a 4; Fig. 4, n.ºs 5 a 11; Fig. 5, n.ºs 3, 6 e 7); trata-se de formas em tudo idênticas às exumadas em outros povoados da mesma época, como o Casal do Serigato (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 10) ou a Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986). Ocorrem, igualmente, taças carenadas (em geral de carena baixa) de menores dimensões (Fig. 4, n.ºs 1 a 3; Fig. 5, n.ºs 1, 2, 4 e 5). Registe-se, ainda, a ocorrência de uma asa em fita (Fig. 4, n.º 4). É de salientar, como em outros contextos habitacionais da mesma época e de características idênticas, a ausência da cerâmica com ornatos brunidos, conhecida no entanto em povoados de altura desta região, como o Cabeço dos Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971), o Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, em preparação) e o Cabeço do Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991, p. 80, 81), para só citarmos três estações de diferentes concelhos desta região.

As decorações são excepcionais. Estão representadas por sulcos horizontais, em recipientes globulares; são idênticas às que ocorrem no mesmo tipo de recipientes da Idade do Ferro da região, embora estes já sejam produzidos ao torno rápido. As pastas são de textura média e grosseira, especialmente nos exemplares de maiores dimensões. Os elementos não plásticos estão representados sobretudo por grãos de quartzo e de feldspato ocorrendo, porém, em reduzido número de fragmentos, abundantes minerais ferromagnesianos (piroxenas), que documentam uma produção local, recorrendo a matérias-primas argilosas resultantes da alteração das rochas do Complexo Basáltico de Lisboa, aflorantes no local da estação. Excepcionalmente, ocorrem pastas mais finas, de coloração cinzento-anegrada, onde se evidenciam numerosas palhetas micáceas, as quais denotam produções francamente exógenas. A ocorrência de grãos de quartzo e, sobretudo, de feldspato, mais do que indicarem fabricos exógenos, a partir de um importante centro de produções à escala regional, poderão sugerir (CARDOSO & CUNHA, 1995) comércio específico de tais elementos desengordurantes, a partir de uma determinada área de produção, que, na região, forçosamente corresponderá à serra de Sintra.

3.2 – Indústrias líticas

A exclusiva recolha superficial do espólio ora estudado impede que artefactos líticos de comprovada longevidade, como os raspadores e as lâminas, de que se recolheram alguns exemplares, sejam seguramente atribuídos à Idade do Bronze, apesar da ausência de materiais cerâmicos característicos de épocas anteriores; deste modo, os únicos elementos líticos da Idade do Bronze correspondem a numerosos elementos de foice sobre lasca, com um dos bordos denticulado, além de lascas resultantes provavelmente ao seu fabrico (Fig. 6). Em trabalho anterior (CARDOSO *et al.*, 1980/81) procedeu-se a uma classificação topográfica deste grupo de artefactos; entre os tipos então definidos, salienta-se os exemplares de contorno sub-triangular, atribuíveis às extremidades da série de elementos que, encastoados em suporte de madeira, constituiriam a parte cortante das respectivas foices.

3.3 – Objectos de adorno

Apenas se recolheu, na zona mais elevada e meridional da estação, metade de uma conta circular de cornalina translúcida avermelhada, com perfuração biconica (Fig. 3, n.º 5). Trata-se de exemplar em tudo idêntico aos exumados no povoado da altura do Bronze Final da Coroa do Frade, Évora (ARNAUD, 1995, p. 44 e 45); com efeito, tanto no Neolítico como no Calcolítico, desconhecemos contas nesta matéria-prima.

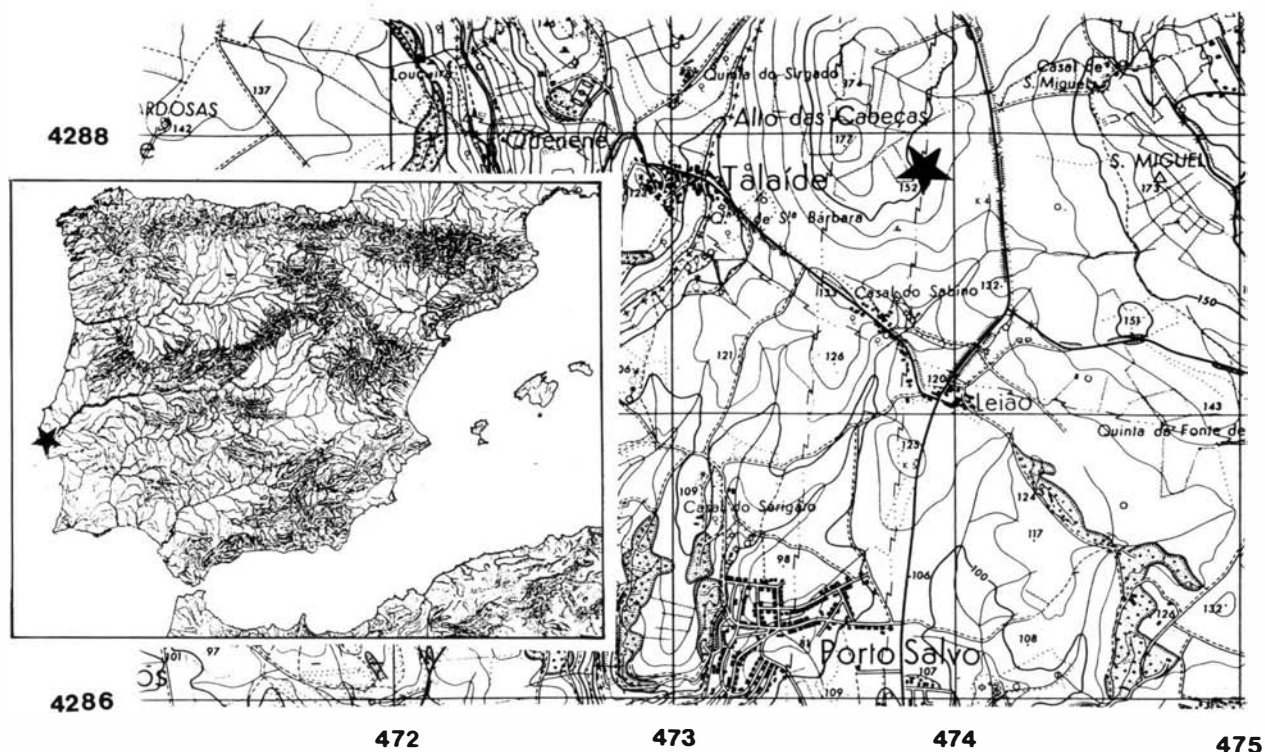


Fig. 1 – Implantação da estação do Alto das Cabeças na Península Ibérica e na carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha n.º. 430 - Oeiras, S.C.E., Lisboa, 1970).



Fig. 2 – Visita da encosta do Alto das Cabeças, correspondente ao povoado do Bronze Final, em primeiro plano. Em segundo plano, separado pela estrada do Porto Salvo para Cacém, o Alto de São Miguel (fot. de G. Cardoso).

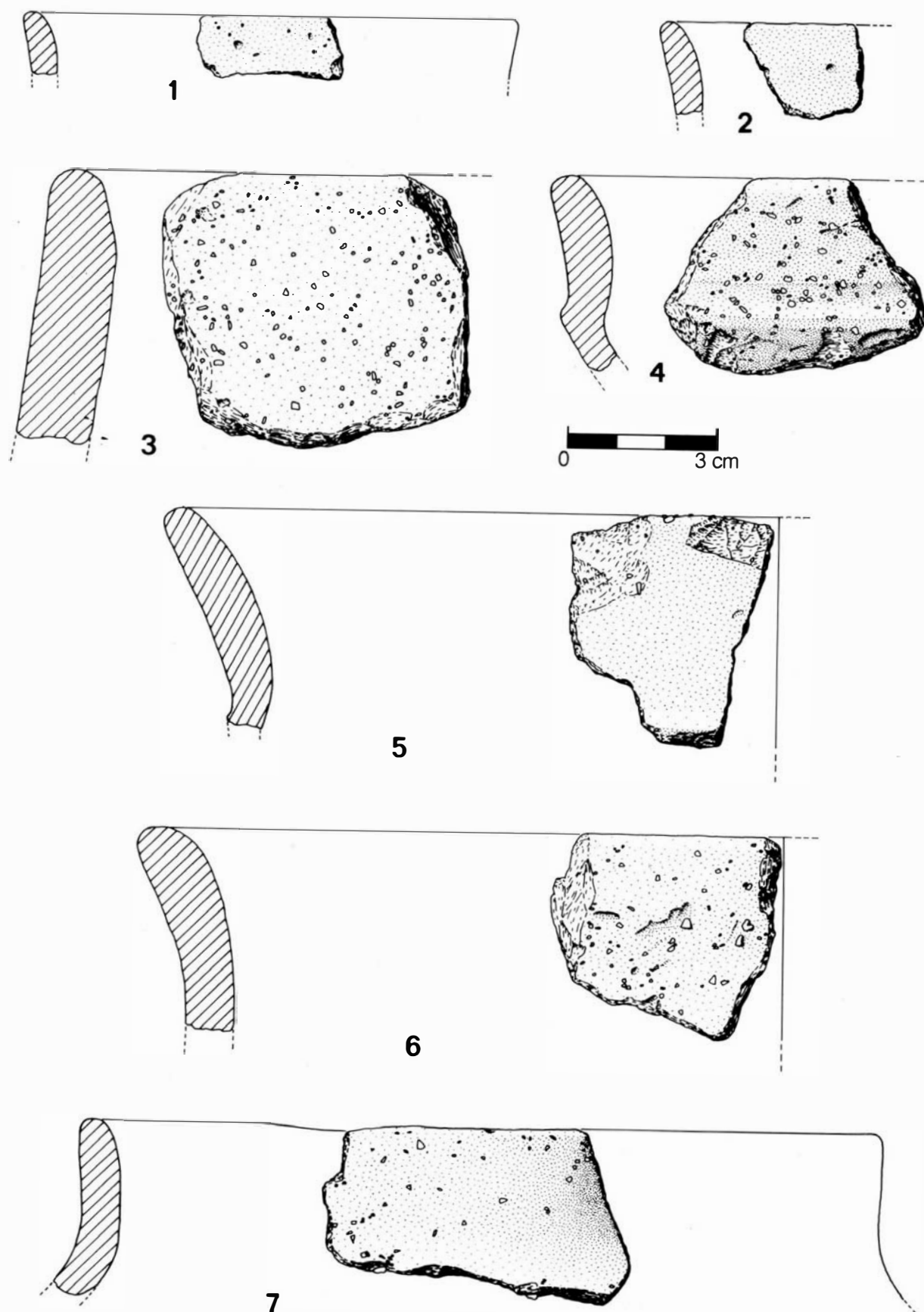


Fig. 3 – Alto das Cabeças. Grandes recipientes e taças carenadas.

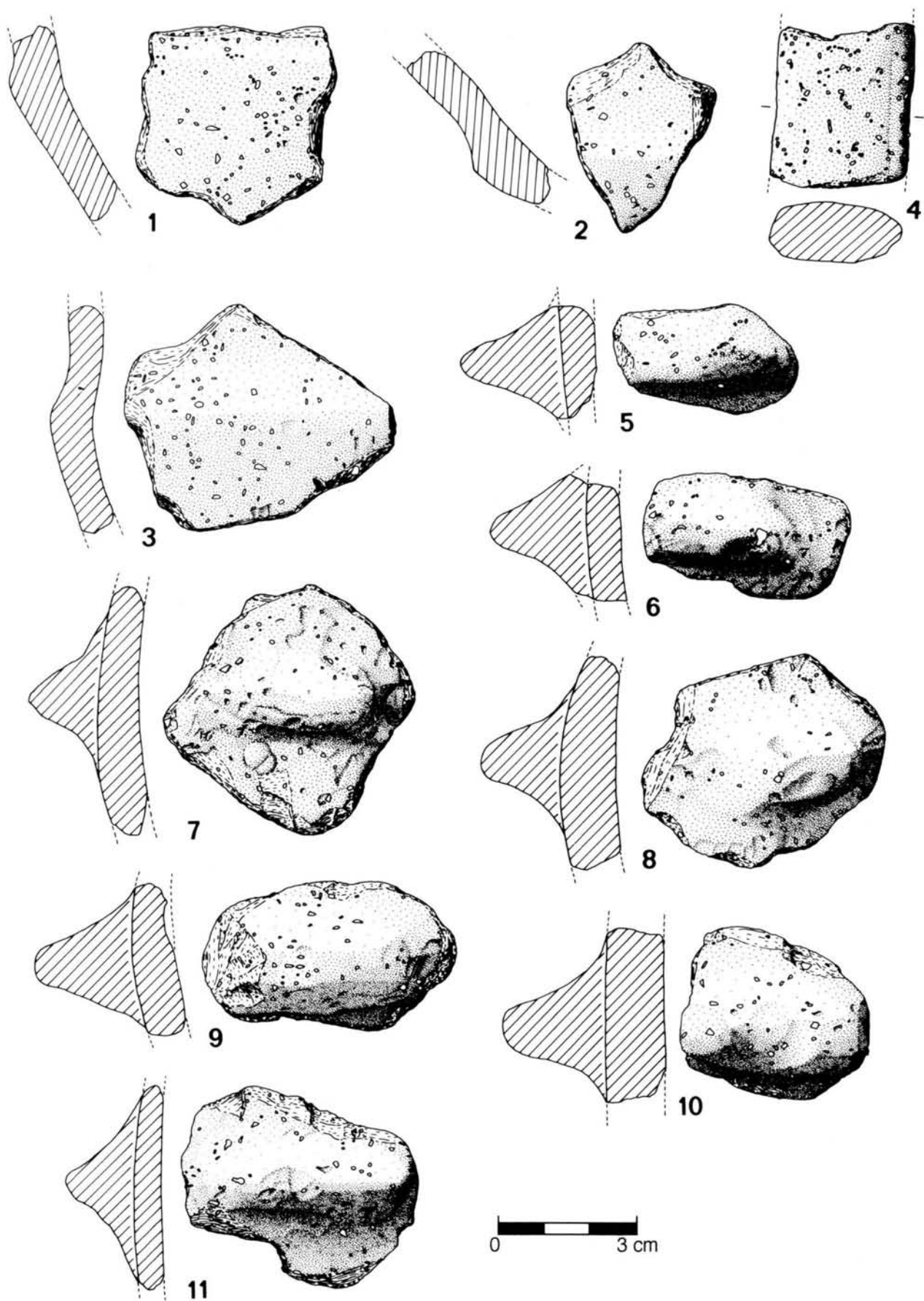


Fig. 4 – Alto das Cabeças. Taças carenadas, asa, pegas de grandes recipientes.

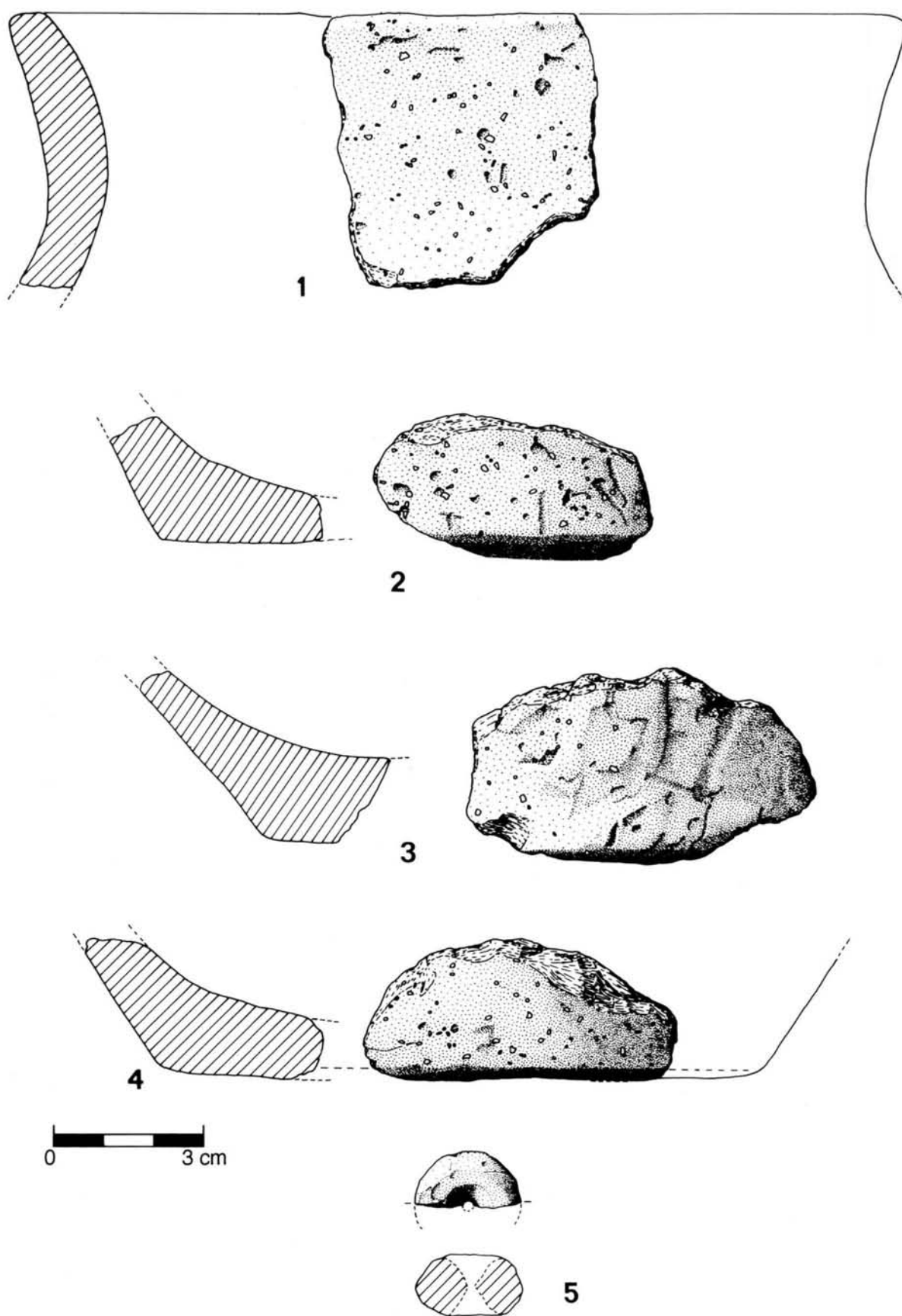


Fig. 5 – Alto das Cabeças. Grandes recipientes e conta incompleta de cornalina.

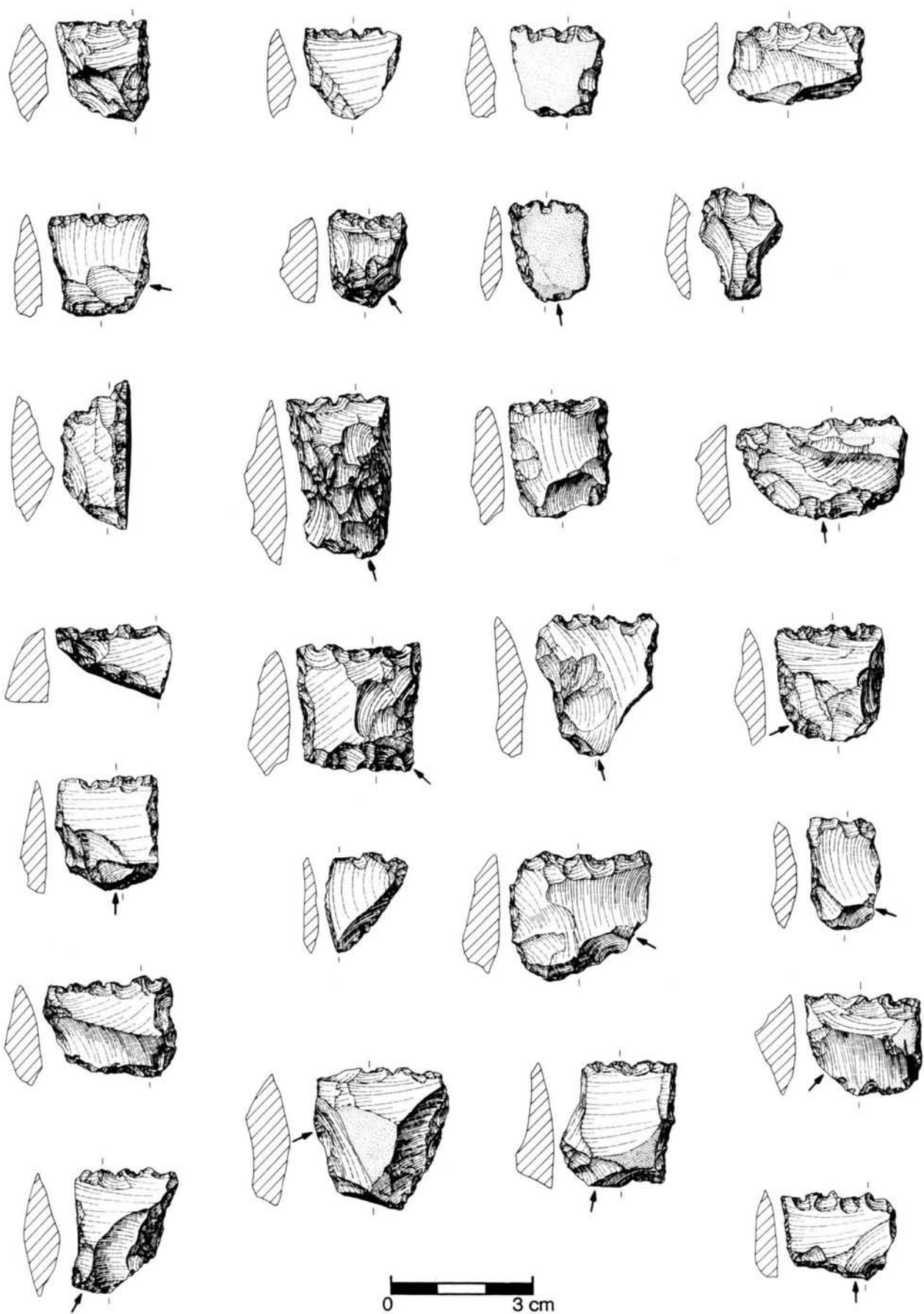


Fig. 6 – Alto das Cabeças. Elementos denticulados de foice de sílex, sobre lasca.

4 – ECONOMIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

O povoado aberto do Alto das Cabeças insere-se em um contexto regional, correspondente à baixa península de Lisboa, caracterizado pela abundância de estações homólogas, designadas expressivamente por “casais agrícolas” (MARQUES & ANDRADE, 1974); com efeito, a actividade dominante destas comunidades, pacíficas e sedentárias, de raiz familiar (CARDOSO, 1995a), instaladas em pequenas unidades habitacionais, que raramente atingiriam a dimensão de verdadeiros povoados, como o da Tapada da Ajuda, correspondia à produção intensiva de culturas cerealíferas, como é demonstrado pela abundância dos elementos de foice recolhidos, em quantidades por certo muito superiores às suas próprias necessidades.

Tal situação configura um comércio transregional, no qual os produtos agrícolas, para cuja produção esta região se encontrava particularmente vocacionada, seriam permutados por matérias-primas e por artefactos metálicos exógenos, cuja existência é bem conhecida na região (KALB, 1980). O acréscimo do comércio dos produtos metálicos manufacturados ou das respectivas matérias-primas, encontra-se expressivamente documentado pelo molde de fundição de foices do Casal de Rocanes, Cacém, Sintra (FONTES, 1916), ilustrando a produção local do tipo designado “de Rocanes”, o qual substituiu, no final da Idade do Bronze, os modelos mais antigos recorrendo a elementos líticos como os representados no Alto das Cabeças. Conhecem-se exemplares metálicos daquele tipo de foices na região de Sesimbra (SERRÃO, 1966). A aludida actividade comercial explica, para além de objectos do quotidiano, artefactos de prestígio (armas, adereços, jóias), não destinados aos habitantes de tais “casais agrícolas”; estes elementos destinavam-se a elites, que progressivamente se afirmam no decurso do Bronze Final, sediadas em povoados de altura, de que se conhecem alguns na região, como o Cabeço de Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971), o Cabeço do Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991) ou o Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, em preparação) a partir dos quais administrariam determinados territórios bem definidos, controlando as respectivas vias de circulação nelas existentes (CARDOSO, 1995b, p. 126; CARDOSO, 1995c): assim se teria crescentemente afirmado um processo de estratificação social documentado pela multiplicação de povoados de altura, no final do Bronze Final. As cerâmicas finas com “ornatos brunidos”, de produção tardia adentro do Bronze Final, que ali ocorrem, permitem situar cultural e cronologicamente o culminar de tal processo social.

A ser assim, as comunidades – como a do Alto das Cabeças – que se dispersavam pelos territórios correspondentes a cada um daqueles povoados, integrariam a base de um sistema económico-social no qual constituíam, fundamentalmente, o elemento produtivo.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1995) – Coroa do Frade: uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. *In a Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, p. 43-45. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia. Instituto Português de Museus. Lisboa.

CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais, 111 p.

CARDOSO, J. L. (1995a) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.

CARDOSO, J. L. (1995b) – Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. *In a Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, p. 126. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia. Instituto Português de Museus. Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1995c) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34 p. 33-74.

CARDOSO, J. L. (em preparação) – A ocupação do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra).

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p.

CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (1995d) – *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p.

CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. L.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*, S. II, 15, p. 13-18.

FONTES, J. (1915) – Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*, 21, p. 337-347.

KALB, P. (1980) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, p. 112-138. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da Proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.

SERRÃO, E. da Cunha (1966) – Bronzes de Alfarn e de Pedreiras, Sesimbra. Subsídios para o estudo do Bronze Atlântico. *In Memoriam do Abade Henri Breuil*, 2, p. 303-330. Faculdade de Letras de Lisboa.

VICENTE, E. P. & ANDRADE, G. M. (1971) – A estação arqueológica do Cabeço de Moinhos. Breve notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 223-238.